

Instrução: As questões de números **25** a **28** tomam por base uma crônica de Clarice Lispector (1925-1977) e uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.)

Escrevendo o roteiro

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa —escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana.

John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde.

*Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.*

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela

manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

(Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.)

Questão 25

CURSO E COLÉGIO



*Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma maldição. Em seguida, ressalva que é também uma **salvação**. Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.*

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



A aparente contradição proposta no texto de Clarice Lispector entre a maldição e a salvação do ato de escrever se resolve quando a autora confronta em um mesmo campo o “vício penoso do qual é impossível se livrar”, mas que “salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia em que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva”. Isto é, o ato de escrever é um gesto inevitável que está acima da vontade e das preferências pessoais do autor e que, ao mesmo tempo, converte-se em uma atitude transformadora.

Questão 26

CURSO E COLÉGIO



Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem.

*Explique, com base no primeiro parágrafo do texto *Escrevendo o roteiro*, se Syd Field concorda com esta afirmação de Clarice Lispector.*

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



Sim, o autor concorda com a afirmação de Clarice Lispector porque, para ele, escrever é um “fenômeno espantoso, quase misterioso”, “que desafia análises; é mágica e maravilha”. Compactua assim com a ideia de que a criação artística é espontânea.

Questão 27

CURSO E COLÉGIO



Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance.

Ao empregar na frase apresentada o advérbio **eventualmente**, o que revela Clarice Lispector sobre a criação de um conto ou romance?

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



A utilização do advérbio “eventualmente” revela que o ato de escrever pode se originar em uma espécie de gesto “à mercê do tempo”, uma espontaneidade que se transforma em criação literária efetiva.

Questão 28

CURSO E COLÉGIO



No sétimo parágrafo do texto de Syd Field, que informação o autor passa ao aprendiz de roteirista com os diversos exemplos que apresenta?

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



Ao enumerar exemplos dos processos criativos de renomados roteiristas, o autor destaca a ausência de regras e de padrões pré-estabelecidos para a criação de roteiros.

Instrução: As questões de números **29** a **32** tomam por base uma passagem do romance *Canaã*, de Graça Aranha (1868-1931), e uma tira de Henfil (1944-1988).

Canaã

— Hoje — disse Milkau quando chegaram a um trecho desembaraçado da praia —, devemos escolher o local para a nossa casa.

— Oh! não haverá dificuldade, neste deserto, de talhar o nosso pequeno lote... — desdenhou Lentz.

— Quanto a mim, replicou Milkau, uma ligeira inquietação de vago terror se mistura ao prazer extraordinário de recomeçar a vida pela fundação do domicílio, e pelas minhas próprias mãos... O que é lamentável nesta solenidade primitiva é a intervenção inútil do Estado...

— O Estado, que no nosso caso é o agrimensor Felicíssimo...

— Não seria muito mais perfeito que a terra e as suas coisas fossem propriedade de todos, sem venda, sem posse?

— O que eu vejo é o contrário disto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instinto da posse. O que está hoje fora do domínio amanhã será a presa do homem. Não acreditas que o próprio ar que escapa à nossa posse será vendido, mais tarde, nas cidades suspensas, como é hoje a terra? Não será uma nova forma da expansão da conquista e da propriedade?

— Ou melhor, não vês a propriedade tornar-se cada dia mais coletiva, numa grande ânsia de aquisição popular, que se vai alastrando e que um dia, depois de se apossar dos jardins, dos palácios, dos museus, das estradas, se estenderá a tudo?... O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a supressão da ideia da defesa pessoal, que nele tinha o seu repouso...

— Pois eu — ponderou Lentz —, se me fixar na ideia de converter-me em colono, desejarei ir alargando o meu terreno, chamar a mim outros trabalhadores e fundar um novo núcleo, que signifique fortuna e domínio... Porque só pela riqueza ou pela força nos emanciparemos da servidão.

— O meu quinhão de terra — explicou Milkau — será o mesmo que hoje receber; não o ampliarei, não me abandonarei à ambição, ficarei sempre alegremente reduzido à situação de um homem humilde entre gente simples. Desde que chegamos, sinto um perfeito encantamento: não é só a natureza que me seduz aqui, que me festeja, é também a suave contemplação do homem. Todos mostram a sua doçura íntima estampada na calma das linhas do rosto; há como um longínquo afastamento da cólera e do ódio. Há em todos uma resignação amorosa... Os naturais da terra são expansivos e alvissareiros da felicidade de que nos parecem os portadores... Os que vieram de longe esqueceram as suas amarguras, estão tranquilos e amáveis; não há grandes separações, o próprio chefe troca no lar o seu prestígio pela espontaneidade niveladora, que é o feliz gênio da sua raça. Vendo-os, eu adivinho o que é todo este País — um recanto de bondade, de olvido e de paz. Há de haver uma grande união entre todos, não haverá conflitos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se imolarão vítimas aos rancores abandonados na estrada do exílio. Todos se purificarão e nós também nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos preconceitos, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade desta vida...

(Graça Aranha. *Canaã*, 1996.)



Questão 29

CURSO E COLÉGIO



Em sua última fala no fragmento do romance Canaã, coerentemente com o que manifestou nas falas anteriores, a personagem Milkau, ao informar o que pretende fazer com seu quinhão de terra, acaba expressando sua própria concepção de mundo.

Releia essa fala e faça uma síntese dessa concepção da personagem.

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



A personagem Milkau apresenta uma concepção de mundo necessariamente romântica, que segue o modelo primeiro proposto por Jean-Jacques Rousseau, que gira em torno da seguinte ideia: a civilização corrompe o homem, tornando-o ambicioso e individualista. Em oposição a essa ideia, a personagem propõe uma vida humilde, “entre gente simples”, na qual os homens se afastariam dos sentimentos negativos, como a cólera e o ódio, e viveriam irmanados em sentimentos de “resignação amorosa”, “tranquilos e amáveis”, plenos de bondade e de paz para apreciarem a serenidade da vida.

Questão 30

CURSO E COLÉGIO



— *O que eu vejo é o contrário disto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instinto da posse.*

Tomando por base o contexto do diálogo e as outras manifestações de Milkau, aponte o argumento que é defendido por Lentz nesta fala.

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



Em oposição à visão romântica de Milkau, a personagem Lentz adverte sobre a venalidade e os perigos da posse, da ambição e da “expansão da conquista e da propriedade”, valores que opõem frontalmente ao espírito sereno e igualitário idealizado por Milkau.

Questão 31

CURSO E COLÉGIO



Estabeleça uma relação entre as opiniões das personagens da tira de Henfil e as das personagens de *Canaã*.

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



Entre o fragmento de *Canaã* e a tira de Henfil, estabelece-se uma relação de semelhança que traz à tona duas concepções a respeito da convivência entre os homens: uma romântica, proposta por Milkau e por uma das personagens da tira e que se sustenta na ideia de irmandade e igualdade. A outra, proposta pela personagem Lentz e pela segunda personagem da tira, opõe-se a esse romantismo, destacando o distanciamento entre os homens motivado pela concorrência, ganância e individualismo.

Questão 32

CURSO E COLÉGIO



Tomando como referência o sistema ortográfico, explique por que o cartunista Henfil, ao aporuguesar, com intenção irônica, a expressão inglesa **my brother**, colocou o acento agudo em **Bróder**.

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



O aportuguesamento da palavra bróder obedece à regra de acentuação das palavras paroxítonas terminadas em R, como acontece em “caráter” e “mártir”.

Questão 33

CURSO E COLÉGIO



Instrução: Leia o texto e responda, em português, às questões de números **33** a **36**.

On Solidarity: Who is helped when someone is helped?

*There comes a time
When we heed a certain call
When the world must come together as one
There are people dying
And it's time to lend a hand to life*

Poverty, starvation, diseases, among other social problems, still make many people suffer in different parts of the world, despite the advances in agricultural developments, in medicine and in technology. And, as pointed out in the verses above, from the song *We are the world* (www.lyrics007.com), *there comes a time when we heed a certain call / when the world must come together as one*. It seems, however, that such time is and will always be the present time, since there has always been people dying, people suffering physical and psychological oppression. Conversely, aid is always and continuously necessary.

Fortunately, a number of charities and non-governmental organizations have put forward campaigns to help the populations in poor areas of our planet, *to lend a hand to life*. This is a way through which food, money and medical help can be provided and thus counterbalance the suffering faced by the ill, the homeless, the poor. And providing aid to these less fortunate populations can be seen, according to the same song, as *the greatest gift of all*. The song continues, saying that

*We can't go on pretending day by day
That someone, somehow will soon make a change
We are all a part of God's great big family
And the truth, you know, love is all we need*

The call for help and the claim for responsibility towards the needs of the poor is made to every human being, then everybody should do something because *we are all a part of God's great big family*.

My question is, in fact, what reasons really motivate us to help other people? To what extent are we motivated by the arguments presented in the song? Or are there other reasons involved in solidarity?

The chorus tells us that
There's a choice we're making
We're saving our own lives
It's true we'll make a better day, just you and me

but I would question such choice as motivated by the desire for a better world that includes everybody, a world with no big social differences. Perhaps that we actually see solidarity as a way to literally save our own lives, and that *you and me* would not include as many people as it should. Rather than thinking about so many people who need help, we engage in charity and make donations for our own benefit, to build up an image of solidarity from which we could end up as beneficiaries. Not to feel guilty, to sort of “buy a place in heaven”.

We certainly need more than romantic love to commit ourselves to true solidarity.

De acordo com o texto, o que cada ser humano é encorajado a fazer, e com base em quais argumentos? Cite dois desses argumentos.

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



No texto, encontramos que o ser humano é encorajado a ajudar as pessoas nas áreas mais pobres de nosso planeta e os mais necessitados (como visto em “campaigns to help the populations in poor areas of our planet, *to lend a hand to life*” e “providing aid to these less fortunate populations”).

Vários argumentos são apresentados ao longo do texto, podendo contrastar os dois mais relevantes, que aparecem no penúltimo parágrafo: Uma das motivações seria o desejo de criar um mundo melhor para todos, um mundo sem diferenças sociais (“the desire for a better world that includes everybody, a world with no big social differences”). A outra é que, além de pensarmos em quem precisa de ajuda, nos engajamos na solidariedade para nosso benefício próprio, criando uma “imagem” socialmente bem vista (“we engage in charity and make donations for our own benefit, to build up an image of solidarity from which we could end up as beneficiaries”).

Questão 34

CURSO E COLÉGIO



Qual o significado da expressão *the greatest gift of all*? A que essa expressão se refere?

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



A expressão “the greatest gift of all” se refere ao “maior dom de todos”. Tendo em vista a temática e o contexto, seria poder ajudar os menos afortunados, criando um mundo melhor para todos e, como citado no penúltimo parágrafo, recebendo os benefícios individuais dessa ação.

Questão 35

CURSO E COLÉGIO



Qual o significado da frase *buy a place in heaven*, no penúltimo parágrafo, e como se relaciona com o conteúdo do texto?

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



O significado da frase “to buy a place in heaven” seria, literalmente, “comprar um lugar no paraíso”. Como o texto fala da importância e benefícios de prestar ajuda aos necessitados, existem tanto os benefícios sociais (ter uma imagem de pessoa solidária, por exemplo), quanto a sensação boa que se tem ao “fazer o bem”. Tais fatores associam-se ao pensamento de que pessoas solidárias “vão para o paraíso” e, praticando tais ações mencionadas ao longo do texto, seremos bons e dignos de entrar no céu.

Questão 36

CURSO E COLÉGIO



Qual é a principal crítica apresentada pelo texto, e como a oração *We’re saving our own lives* se encaixa nessa crítica?

Resposta:

CURSO E COLÉGIO



O questionamento que começa a aparecer na linha 21 (“what reasons really motivate us to help other people?”) e a última frase (“We certainly need more than romantic love to commit ourselves to true solidarity”) apresentam a principal crítica do texto: a prática de solidariedade sem a intenção real de ajudar a “salvar o nosso mundo”, mas de trazer benefícios próprios e individuais.

O contestamento se estende na expressão “true solidarity”, sugerindo que esta solidariedade, aparentemente egoísta, não é a verdadeira. A real seria aquela que visa o bem estar comum, salvar nossas próprias vidas. Isso resume bem a expressão usada no enunciado (“we’re saving our own lives”), dizendo que não é um benefício próprio, mas uma necessidade de todos para que nossa sociedade não entre em colapso.

CURSO E COLÉGIO

**Redação**

Crônica de Clarice Lispector (1925-1977) e uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.)

Escrevendo o roteiro

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa —escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana.

John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde.

Stirling Silliphant, que escreveu The Towering Inferno (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.

(Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.)

Proposição

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever. Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular.

Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

É isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabaços? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever.

Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você?

Com base nestes comentários, em sua própria experiência e, se achar necessário, levando em consideração os textos de Clarice Lispector e Syd Field, escreva uma

redação de **gênero dissertativo**, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Escrever: o trabalho e a inspiração.

Comentário:

CURSO E COLÉGIO



Como de costume, em mais uma edição de seu vestibular, a prova de **Redação da UNESP** exigiu que o aluno produzisse um texto pertencente ao gênero dissertativo, que deveria ser elaborado a partir de um recorte temático explícito em forma de frase (“ESCREVER: O TRABALHO E A INSPIRAÇÃO”).

Também como em anos anteriores, a UNESP forneceu ao candidato textos que poderiam servir de subsídios para a produção da dissertação exigida. Compuseram a coletânea um trecho da crônica “Escrever”, da obra “A descoberta do mundo”, de Clarice Lispector, e uma passagem textual de “Manual do roteiro”, de Syd Field. Também como característica típica da prova redacional da UNESP, o comentário feito pela própria banca elaboradora da proposta (os dois parágrafos abaixo da “Proposição”) auxiliou – e muito – o vestibulando a começar a pensar no recorte temático, uma vez que apresentado ao aluno uma espécie de “resumo” das “funções” que tinham os dois textos da coletânea na elaboração de uma boa redação: o texto de Clarice serviu para trazer a ideia de que o ato de escrever pode ser considerado resultado de inspiração, enquanto o trecho de “Escrevendo o roteiro” trouxe à tona a visão de que a escrita é resultante de trabalho, de suor, de dedicação.

Para começar uma boa reflexão sobre o tema, o aluno poderia ter pensado nos vários desdobramentos que a frase temática indicia; perguntas como “o que é o ato de escrever?” ou “como é o ato de escrever?” ou ainda “de que características são feitas a prática da escrita?” ou ainda “quais os requisitos necessários para uma eficiente prática de escrita?” ou também “quais devem ser os procedimentos a serem tomados para aquele que deseja escrever?”. Voltar aos textos-base e tentar responder a essas perguntas poderia ter sido uma boa estratégia para que o aluno “esquentasse” as várias abordagens e reflexões que o tema abarca.

No primeiro texto da coletânea – “Escrever” – Clarice apresenta uma definição aparentemente paradoxal, mas bem compreensível: de acordo com a escritora, escrever é “uma maldição que salva”. E ela explica: a escrita seria uma maldição porque é uma espécie de vício, do qual não se tem escapatória. Mas, ao mesmo tempo, a prática da escrita salva e liberta, de diferentes formas, o indivíduo que escreve: “salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil (...)”. Dentre outros benefícios da prática da escrita há aquele de dar sentido ao que não se tem, àquilo cuja lógica não se percebe. Lispector ainda metaforiza a prática da escrita ao dizer que se trata de uma bênção.

No segundo trecho – “Escrevendo o roteiro” – Syd Fiel trata a prática de escrita de modo bem mais objetivo e resultante de um trabalho, inclusive porque, em seu texto, trata, especificamente, da escrita de um roteiro cinematográfico. O autor ressalta que a prática demanda tempo e muita dedicação e que ela precisa se adequar a cada pessoa, dependendo da rotina, que é variável, de indivíduo para indivíduo.

Resumidamente, como a própria UNESP apontou, tem-se quanto à prática da escrita, no mínimo, uma dupla possibilidade de definição: de um lado, aquela relacionada ao dom, ao talento próprio; a algo, portanto, mais natural, que se deixa fluir mais naturalmente. Enquanto do outro, tem-se um conceito da escrita mais relacionado ao fato de que a prática é resultado de muito suor, de um trabalho árduo, disciplinar e para o qual se exige muito tempo.

O vestibulando poderia escolher uma das duas definições ou, ainda, poderia optar por “defender”, em sua dissertação, que a prática da escrita é a soma dos dois conceitos. Como em toda proposta redacional, a coletânea poderia ajudar as reflexões a serem feitas, mas, diferentemente de muitas outras propostas redacionais de vestibulares, a utilização da mesma não era obrigatória. O candidato, portanto, podia – se assim quisesse e/ou se assim achasse mais fácil – basear-se apenas e tão somente na sua história individual de prática de leitura, na sua própria opinião sobre como conceituar a prática da escrita, ou mesmo utilizar as questões 25 a 28 como referências para o seu projeto de texto. Dar a sua própria opinião, é claro, não significaria que o candidato pudesse produzir um texto de tom pessoal, já que isso contrariaria as características tipicamente dissertativas. Em qualquer uma das opções (escrever é inspiração ou escrever é transpiração ou ainda escrever é inspiração e transpiração) o candidato preparado – aquele que tivesse uma boa prática de escrita, portanto, aquele que, na prática, teve contato com o tema da prova – não obteve grandes dificuldades.

O recorte temático foi metalinguístico, no sentido de que, para se escrever sobre o tema proposto, o aluno era, necessariamente, reportado à sua própria prática (ou “não-prática”) de escrita. Felizes daqueles que praticaram; esses puderam, com ainda mais tranquilidade e com grandes chances de receberem boa avaliação, escrever sobre o tema da prova de redação da UNESP 2013.